

OS ANIMAIS COMO OBJETOS DA ÉTICA

ANIMALS AS OBJECTS OF ETHICS

Ciências Humanas, Ciências Biológicas • 05/06/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/780634443](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/780634443)

Caroline de Oliveira Aranha da Silva¹

Camila Pitangueira de Sousa²

Mikhail Martinez Barreto³

Alan Emanuel Silva Cerqueira⁴

RESUMO

A relação entre seres humanos e animais não humanos tem sido historicamente marcada pela utilização destes em atividades voltadas à alimentação, transporte, trabalho, entretenimento e experimentação científica. Durante séculos, práticas como a vivissecção e os testes laboratoriais ocorreram sem preocupações éticas relacionadas ao sofrimento animal, sustentadas principalmente por perspectivas antropocêntricas que colocavam o ser humano em posição de superioridade perante as demais espécies. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo discutir os fundamentos históricos e filosóficos da ética animal, com ênfase na teoria utilitarista de Peter Singer e suas implicações para a ampliação da consideração moral aos animais não humanos. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa e de natureza descritiva, fundamentando-se na análise de obras clássicas e contemporâneas relacionadas à ética animal, ética ambiental e utilitarismo. Os resultados demonstram que a proposta de Singer, baseada no princípio da igual consideração de interesses e na sentiência como critério moral, representa uma importante ruptura com concepções tradicionais de exclusividade ética humana. Contudo, verificam-se limitações na abordagem singeriana, sobretudo no que se refere à consideração moral de seres não sencientes e elementos naturais. Conclui-se que o debate acerca da ética animal e ambiental contribui para a reformulação das relações entre humanidade, natureza e demais seres vivos, favorecendo uma perspectiva mais integrada e responsável em relação ao meio ambiente e à vida animal.

Palavras-chave: Ética animal; Peter Singer; Utilitarismo; Senciência; Bioética.

ABSTRACT

The relationship between humans and non-human animals has historically been marked by the use of animals for food, transportation, labor, entertainment, and scientific experimentation. For centuries, practices such as vivisection and laboratory testing were conducted without ethical concerns regarding animal suffering, mainly supported by anthropocentric perspectives that placed humans above other species. In this context, the present study aims to discuss the historical and philosophical foundations of animal ethics, emphasizing Peter Singer's utilitarian theory and its implications for extending moral consideration to non-human animals. The research is characterized as bibliographic, qualitative, and descriptive in nature, based on the analysis of classical and contemporary works related to animal ethics, environmental ethics, and utilitarianism. The results demonstrate that Singer's proposal, grounded in the principle of equal consideration of interests and sentience as a moral criterion, represents an important break from traditional conceptions of exclusively human ethics. However, limitations are observed in Singer's approach, especially regarding the moral consideration of non-sentient beings and natural elements. It is concluded that the debate surrounding animal and environmental ethics contributes to reshaping the relationship between humanity, nature, and living beings, promoting a more integrated and responsible perspective toward the environment and animal life.

Keywords: Animal ethics; Peter Singer; Utilitarianism; Sentience; Bioethics.

1. INTRODUÇÃO

A utilização de animais não humanos nas mais diversas atividades humanas constitui uma prática historicamente consolidada ao longo do desenvolvimento das sociedades. Desde os períodos mais antigos da civilização, os animais vêm sendo empregados para alimentação, transporte, vestuário, lazer, trabalho e, posteriormente, para fins científicos e experimentais. A ampliação dessas práticas ocorreu paralelamente ao fortalecimento de concepções antropocêntricas que colocavam o ser humano em posição hierarquicamente superior em relação às demais formas de vida.

Durante séculos, os animais foram considerados meros instrumentos destinados à satisfação das necessidades humanas, sem que houvesse preocupação significativa acerca do sofrimento causado por determinadas práticas. Conforme destacam Paixão & Schramm (1999), os experimentos científicos envolvendo animais intensificaram-se principalmente a partir do avanço da medicina experimental, sendo frequentemente realizados sem métodos adequados de redução da dor ou do sofrimento animal. Tal realidade refletia concepções filosóficas predominantes que excluíaam os animais da esfera da consideração moral.

O desenvolvimento da ciência moderna e das discussões filosóficas sobre moralidade contribuiu para o surgimento de questionamentos acerca da legitimidade ética da exploração animal. Nesse contexto, correntes filosóficas influenciadas pelo utilitarismo passaram a defender que a capacidade de sofrer deveria ser considerada um elemento fundamental para a atribuição de consideração moral. Segundo Feijó et al. (2010), a ética animal passou a ganhar maior relevância a partir das discussões sobre sofrimento, bem-estar e utilização de animais em pesquisas científicas.

Posteriormente, Peter Singer ampliou significativamente esse debate ao defender que os interesses dos animais não humanos devem receber igual consideração moral em relação aos interesses humanos semelhantes. Em sua crítica ao especismo, Singer (2006) argumenta que discriminar seres apenas em razão da espécie constitui uma forma de preconceito moral. Dessa forma, a ética animal passou a ocupar posição relevante nas discussões contemporâneas envolvendo bioética, direitos dos animais e ética ambiental.

Além das discussões relacionadas aos direitos dos animais, surgiram também reflexões acerca da preservação ambiental e da responsabilidade humana diante da natureza. Taylor (1986) defende uma perspectiva biocêntrica segundo a qual todos os seres vivos possuem valor intrínseco, enquanto Callicott (1989), ao discutir a Ética da Terra, propõe a ampliação da consideração moral para além dos seres humanos, incluindo também os ecossistemas e os elementos naturais.

Diante desse contexto, o presente trabalho busca discutir os fundamentos históricos e filosóficos da ética animal, enfatizando as contribuições de Peter Singer para a ampliação da consideração moral aos animais não humanos. Busca-se ainda analisar as implicações, limitações e consequências da abordagem singeriana, especialmente no que se refere às relações entre ética animal e ética ambiental. Assim, pretende-se compreender de que maneira as discussões éticas contemporâneas contribuem para a reformulação das relações entre seres humanos, animais e natureza.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Breve Histórico da Utilização de Animais em Pesquisas

A utilização de animais em práticas experimentais possui registros que remontam aos períodos mais antigos da humanidade. Conforme apontam Paixão & Schramm (1999), já no período Neolítico existiam representações rupestres demonstrando o interesse humano pela anatomia animal, especialmente pela identificação de órgãos vitais relacionados à sobrevivência e à morte dos indivíduos. Esse interesse ampliou-se significativamente durante a Antiguidade Clássica, período em que filósofos e naturalistas passaram a realizar dissecações e observações anatômicas em diferentes espécies animais.

Entre os pensadores da Grécia Antiga, Aristóteles destacou-se pelo desenvolvimento de estudos voltados à anatomia comparada, realizando dissecações em dezenas de espécies e contribuindo para a compreensão das estruturas biológicas dos organismos vivos (CLOTET, FEIJÓ & OLIVEIRA, 2005). Entretanto, apesar de sua contribuição científica, Aristóteles defendia uma concepção hierárquica da natureza na qual os animais existiam para servir aos interesses humanos, perspectiva que posteriormente influenciaria diferentes correntes antropocêntricas.

Posteriormente, durante o período romano, Galeno retomou a prática da vivisseção e realizou experimentos fisiológicos em animais vivos, contribuindo para o desenvolvimento da medicina experimental. Segundo Clotet, Feijó & Oliveira (2005), tais experimentações buscavam compreender o funcionamento muscular, circulatório e nervoso dos organismos vivos, consolidando o uso de animais como instrumentos científicos.

Durante os séculos XVI e XVII, o avanço da ciência moderna intensificou a utilização de animais em pesquisas. Francis Bacon defendia a experimentação animal como instrumento indispensável para o progresso científico e para a compreensão do corpo humano. Paralelamente, o pensamento cartesiano exerceu forte influência na legitimação da exploração animal. René Descartes considerava os animais como máquinas biológicas incapazes de sentir dor ou possuir consciência, entendimento que contribuiu para justificar práticas extremamente cruéis envolvendo vivissecção e experimentação sem anestesia (PAIXÃO & SCHRAMM, 1999).

Com o desenvolvimento da medicina experimental no século XIX, a utilização de animais tornou-se ainda mais frequente. Claude Bernard defendia a experimentação animal como etapa essencial para o desenvolvimento de tratamentos médicos e farmacológicos. Contudo, a intensificação dessas práticas também provocou o surgimento das primeiras críticas relacionadas ao sofrimento animal. Conforme destacam Schnaider & Souza (2003), a aprovação da “The Cruelty to Animals Act”, na Inglaterra, representou um marco importante na regulamentação ética da utilização de animais em pesquisas científicas.

Ao longo do século XX, o fortalecimento dos movimentos de proteção animal contribuiu para a criação de legislações e comissões de ética voltadas ao controle das práticas experimentais. Nesse contexto, surgiram discussões relacionadas ao bem-estar animal, à redução do sofrimento e à busca por métodos alternativos à experimentação animal. Tais debates passaram a integrar as reflexões contemporâneas da bioética e da ética animal.

2.2. Correntes Filosóficas Sobre Ética Animal

As discussões relacionadas à ética animal desenvolveram-se ao longo da história a partir de diferentes perspectivas filosóficas acerca da relação entre seres humanos e natureza. Durante muito tempo predominou uma visão antropocêntrica, segundo a qual o ser humano ocupava posição superior em relação aos demais seres vivos, sendo os animais compreendidos principalmente como instrumentos destinados à satisfação das necessidades humanas.

Essa concepção favoreceu a legitimação de práticas como caça, vivissecção, exploração para trabalho e utilização em pesquisas científicas sem maiores preocupações morais relacionadas ao sofrimento animal. Conforme destacam Paixão & Schramm (1999), a experimentação animal consolidou-se historicamente associada à ideia de progresso científico e desenvolvimento da medicina, muitas vezes sem questionamentos éticos acerca das consequências impostas aos animais.

Entretanto, com o fortalecimento das discussões filosóficas e bioéticas, surgiram correntes de pensamento que passaram a defender maior consideração moral para os animais não humanos. Segundo Feijó et al. (2010), uma das principais transformações ocorreu a partir das ideias utilitaristas, que passaram a considerar moralmente relevante a capacidade dos animais de sentir dor e sofrimento.

Nesse contexto, destaca-se a contribuição de Jeremy Bentham, considerado um dos principais precursores da ética animal moderna. A perspectiva utilitarista defendia que o sofrimento dos seres vivos deveria ser levado em consideração independentemente da espécie à qual pertencem. Assim, o foco moral deixava de estar exclusivamente relacionado à racionalidade humana e passava a

considerar a capacidade de sofrer como elemento central da reflexão ética.

Posteriormente, Peter Singer ampliou esse debate ao defender que os princípios de igualdade moral aplicados entre seres humanos também deveriam ser estendidos aos animais não humanos. Segundo Singer (2006), a discriminação baseada exclusivamente na espécie biológica caracteriza o especismo, entendido como uma forma de preconceito moral que privilegia os interesses humanos em detrimento do sofrimento animal.

Singer argumenta que a sentiência constitui o principal critério para inclusão de um ser na esfera da consideração moral. Dessa forma, qualquer ser capaz de sentir prazer ou sofrimento possui interesses que devem ser moralmente considerados. Essa perspectiva representa uma importante ruptura com concepções tradicionais que restringiam a ética exclusivamente aos seres humanos.

Além das discussões relacionadas à ética animal, também se desenvolveram correntes filosóficas voltadas à ética ambiental. Taylor (1986) defende uma perspectiva biocêntrica segundo a qual todos os seres vivos possuem valor intrínseco e merecem respeito moral independentemente de sua utilidade para os seres humanos. Já Callicott (1989), ao discutir a Ética da Terra, propõe a ampliação da consideração moral para incluir não apenas os seres vivos, mas também os ecossistemas e os elementos naturais.

Essas correntes contribuíram significativamente para ampliar os debates contemporâneos sobre preservação ambiental, direitos dos animais e responsabilidade humana perante a natureza. Atualmente, a ética animal e a ética ambiental constituem

importantes campos de reflexão filosófica, científica e social, influenciando legislações, políticas públicas e discussões relacionadas ao bem-estar animal e à conservação ambiental.

2.3. Fundamentos Históricos e Filosóficos da Posição de Peter Singer

A filosofia moral de Peter Singer possui forte influência do utilitarismo clássico desenvolvido por Jeremy Bentham e John Stuart Mill nos séculos XVIII e XIX. O utilitarismo fundamenta-se na ideia de que as ações humanas devem ser avaliadas a partir de suas consequências, sendo moralmente corretas aquelas capazes de promover a maior quantidade possível de prazer e felicidade e reduzir o sofrimento do maior número de indivíduos.

Bentham defendia que o critério essencial para a consideração moral não deveria ser a racionalidade ou a linguagem, mas sim a capacidade de sofrer. Segundo Araújo (2008), essa perspectiva rompeu com concepções tradicionais que excluía os animais da esfera ética por considerá-los seres inferiores ou incapazes de raciocínio complexo. Para Bentham, o sofrimento animal possui relevância moral independentemente da espécie do indivíduo.

John Stuart Mill aprofundou posteriormente os fundamentos utilitaristas ao enfatizar a importância da liberdade individual e da promoção do bem coletivo através da razão. Singer apropria-se desses princípios ao defender que os interesses dos animais não humanos devem receber consideração moral equivalente aos interesses humanos semelhantes, especialmente quando relacionados ao sofrimento e ao prazer.

De acordo com Singer (2006), o especismo constitui uma forma de preconceito moral baseada exclusivamente na pertença biológica a determinada espécie. Assim como o racismo e o sexismo discriminam indivíduos em função da raça ou do gênero, o especismo discrimina seres sencientes apenas por não pertencerem à espécie humana. Nesse sentido, Singer argumenta que não existe justificativa ética racional para ignorar o sofrimento dos animais não humanos quando estes possuem capacidade de sentir dor e prazer.

O conceito de senciência ocupa posição central na teoria singeriana. A senciência corresponde à capacidade de experimentar sensações subjetivas, especialmente sofrimento e prazer. Para Singer, esse atributo representa o limite mínimo para a inclusão de um ser na esfera da consideração moral. Dessa forma, qualquer organismo capaz de sofrer possui interesses que devem ser respeitados moralmente.

Singer também critica práticas historicamente naturalizadas, como a exploração animal para alimentação, entretenimento e experimentação científica. Segundo o autor, muitas dessas atividades produzem sofrimento intenso e desnecessário, sendo mantidas principalmente por convenções culturais e interesses econômicos. Nesse contexto, a ética deve atuar como instrumento racional de revisão crítica das práticas sociais estabelecidas.

Apesar de influenciado pelo utilitarismo clássico, Singer desenvolve sua teoria em um contexto histórico marcado por discussões contemporâneas envolvendo direitos dos animais, bioética e preservação ambiental. Assim, sua abordagem ultrapassa questões exclusivamente filosóficas e passa a influenciar debates políticos, jurídicos e sociais relacionados ao tratamento ético dos animais.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza descritiva, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, dissertações e periódicos relacionados à ética animal, bioética, utilitarismo e ética ambiental.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada com o objetivo de compreender os fundamentos históricos e filosóficos relacionados à consideração moral dos animais não humanos, bem como analisar as principais correntes teóricas que discutem a ética animal e suas implicações contemporâneas. Para isso, foram selecionadas obras que abordam temas como sofrimento animal, experimentação científica, utilitarismo, senciência e ética ambiental.

Foram analisadas produções acadêmicas de autores que discutem a ética aplicada, a bioética e a relação entre seres humanos, animais e natureza, com destaque para Peter Singer, Paul Taylor, Callicott, Clotet, Feijó, Oliveira, Paixão e Schramm. As obras selecionadas permitiram compreender as diferentes perspectivas filosóficas relacionadas à ampliação da consideração moral aos animais não humanos.

Quanto à abordagem metodológica, a pesquisa possui caráter qualitativo, uma vez que busca interpretar criticamente conceitos, argumentos filosóficos e posicionamentos teóricos relacionados à ética animal e à ética ambiental. Segundo essa perspectiva, a análise não se limita à descrição das teorias estudadas, mas busca compreender suas implicações sociais, morais e ambientais.

Os dados bibliográficos foram organizados e analisados de maneira descritiva e interpretativa, permitindo discutir as contribuições e limitações das correntes filosóficas abordadas, especialmente no que se refere à teoria ética de Peter Singer e suas implicações para as relações entre seres humanos, animais e natureza.

Por fim, a pesquisa buscou estabelecer relações entre os debates contemporâneos sobre ética animal, preservação ambiental e responsabilidade moral, contribuindo para a compreensão das transformações ocorridas na forma como os seres humanos percebem e se relacionam com os demais seres vivos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das obras e correntes filosóficas abordadas evidencia que a relação entre seres humanos e animais não humanos foi historicamente marcada por concepções antropocêntricas que legitimaram diferentes formas de exploração animal. Durante séculos, práticas como vivissecção, caça, utilização de animais para entretenimento e experimentação científica foram amplamente aceitas socialmente, sustentadas pela ideia de superioridade humana perante as demais espécies.

Os resultados da pesquisa demonstram que as transformações ocorridas no pensamento filosófico e científico contribuíram significativamente para o surgimento da ética animal contemporânea. O avanço das discussões sobre sofrimento animal, bem-estar e responsabilidade moral favoreceu o fortalecimento de correntes filosóficas que passaram a defender a inclusão dos animais não humanos na esfera da consideração ética.

Nesse contexto, a teoria de Peter Singer representa uma das contribuições mais influentes para a ética animal contemporânea. Ao utilizar a senciência como critério para inclusão na esfera moral, Singer amplia significativamente o alcance da ética tradicional, defendendo que o sofrimento animal possui relevância moral equivalente ao sofrimento humano em situações semelhantes.

Segundo Singer (2006), ignorar o sofrimento dos animais apenas em razão da espécie constitui uma forma de discriminação moral denominada especismo. Essa concepção promove uma ruptura com modelos éticos tradicionais centrados exclusivamente no ser humano e estimula uma reformulação das práticas sociais relacionadas ao uso de animais.

A análise também demonstra que a abordagem singeriana possui importantes implicações práticas em áreas como alimentação, experimentação científica, indústria cosmética e entretenimento animal. A partir da perspectiva da igual consideração de interesses, diversas práticas socialmente naturalizadas passam a ser moralmente questionadas, especialmente quando produzem sofrimento intenso e desnecessário.

Entretanto, os resultados evidenciam que a teoria de Singer também apresenta limitações importantes. Ao restringir a consideração moral à senciência, sua abordagem exclui seres não sencientes e elementos naturais da esfera ética. Nesse aspecto, Taylor (1986) propõe uma perspectiva biocêntrica voltada ao respeito por todos os seres vivos, enquanto Callicott (1989), ao discutir a Ética da Terra, defende uma ampliação da consideração moral para incluir também os ecossistemas e os componentes naturais.

Essa divergência evidencia um dos principais debates contemporâneos entre ética animal e ética ambiental. Enquanto Singer prioriza a capacidade de sofrimento como fundamento moral, correntes biocêntricas e ecocêntricas defendem o valor intrínseco da natureza independentemente da existência de sentiência.

Além disso, a pesquisa demonstra que o fortalecimento das discussões éticas relacionadas aos animais contribuiu para avanços legislativos e institucionais voltados à proteção animal, à regulamentação de pesquisas científicas e à criação de comissões de ética. Tais mudanças refletem uma crescente conscientização social acerca da necessidade de reduzir o sofrimento animal e repensar as relações entre humanidade e natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da humanidade, os animais foram amplamente utilizados para alimentação, transporte, lazer, trabalho e pesquisas científicas, muitas vezes submetidos a práticas dolorosas e degradantes sem qualquer preocupação ética relacionada ao sofrimento causado. A predominância de concepções antropocêntricas contribuiu para a legitimação dessa exploração, reforçando a ideia de superioridade humana em relação às demais formas de vida.

As discussões filosóficas desenvolvidas principalmente a partir do utilitarismo contribuíram para ampliar os debates sobre a consideração moral dos animais não humanos. Nesse contexto, Peter Singer desempenha papel fundamental ao defender que a capacidade de sofrer constitui o principal critério para inclusão de

um ser na esfera ética, criticando o especismo e propondo a igual consideração de interesses entre seres sencientes.

A análise realizada demonstra que a teoria singeriana representa uma importante contribuição para a ética animal contemporânea, influenciando debates relacionados ao bem-estar animal, à bioética e à regulamentação da experimentação científica. Sua proposta promove uma reformulação das relações entre seres humanos e animais ao questionar práticas historicamente naturalizadas que provocam sofrimento desnecessário.

Entretanto, verificou-se também que a abordagem de Singer apresenta limitações ao restringir a consideração moral à senciência, excluindo seres não sencientes e elementos naturais da esfera ética. Nesse sentido, correntes ligadas à ética ambiental ampliam a discussão ao defender o valor intrínseco da natureza e a responsabilidade humana perante os ecossistemas.

Conclui-se, portanto, que os debates contemporâneos sobre ética animal e ética ambiental contribuem significativamente para a construção de uma relação mais responsável entre humanidade, animais e natureza. A ampliação da consideração moral aos seres vivos representa um importante avanço para o desenvolvimento de práticas sociais, científicas e ambientais mais éticas, sustentáveis e comprometidas com a preservação da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. C. de S. **Direito à vida em Peter Singer e a tradição utilitária.** 2008. 148 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em:

<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=45552>. Acesso em: 27 maio 2026.

BORJA, O. R. P. Ecoturismo responsável: valoração econômica de bens e serviços ambientais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 345-360, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6076>. Acesso em: 27 maio 2026.

CALLICOTT, J. B. **In defense of the land ethic: essays in environmental philosophy**. Albany: State University of New York Press, 1989.

CAMARGO, E. A. O. de. **O princípio da imparcialidade na ética aplicada de Peter Singer**. 2006. 107 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006. Disponível em: https://usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/086.pdf. Acesso em: 27 maio 2026.

CARVALHO, M. C. M. Estatuto moral dos animais em questão: a posição de Peter Carruthers. **ethic@**, Florianópolis, v. 6, n. 4, p. 57-68, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2007v6n4p57>. Acesso em: 27 maio 2026.

CLOTET, J.; FEIJÓ, A.; OLIVEIRA, M. G. de. **Bioética: uma visão panorâmica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

DELEUZE, G. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

ETHICS. In: **Encyclopaedia Britannica: a dictionary of arts, sciences, literature and general information**. 11. ed. New York: Encyclopaedia Britannica, 1911. p. 808-845.

FEIJÓ, A. M. G. dos S. et al. **Animais na pesquisa e no ensino: aspectos éticos e técnicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JUNGES, J. R. Ética ecológica: antropocentrismo ou biocentrismo? **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 42, n. 116, p. 11-43, 2010. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/842>. Acesso em: 27 maio 2026.

PAIXÃO, R. L.; SCHRAMM, F. R. Ethics and animal experimentation: what is debated? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 99-110, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1999000500011>.

PETROIANU, A. Aspectos éticos na pesquisa em animais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 157-164, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-86501996000300001>.

SCHNAIDER, T. B.; SOUZA, C. Ethics and animal experiments. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Campinas, v. 53, n. 2, p. 278-285, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-70942003000200014>.

SILVA, J. O. M. Especismo: porque os animais não-humanos devem ter seus interesses considerados em igualdade de condições em que são considerados os interesses semelhantes dos seres humanos. **ethic@**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 51-62, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2009v8n1p51>. Acesso em: 27 maio 2026.

SINGER, P. **Libertação animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004.

SINGER, P. **Ética prática**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TAYLOR, P. W. **Respect for nature: a theory of environmental ethics**. Princeton: Princeton University Press, 1986.

TEIXEIRA, M. J. Fisiopatologia da nocicepção e da supressão da dor. **Jornal Brasileiro de Anestesiologia**, Curitiba, v. 1, n. 4, p. 329-334, 2001.

ZEIDE, B. Another look at Leopold's land ethic. **Journal of Forestry**, Bethesda, v. 96, n. 1, p. 13-19, 1998.

¹ Doutoranda em Educação. Mestra em Diversidade Animal. Especialista em Imunologia e Infectologia. Bacharel em Ciências Biológicas pela UFBA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Médica Veterinária. Bacharel em Ciências Biológicas pela UFBA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Mestre em Meio Ambiente, Águas e Saneamento. Bacharel em Ciências Biológicas pela UFBA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁴ Doutor e mestre em Microbiologia Agrícola. Bacharel em Ciências Biológicas pela UFBA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

